

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
ESCOLA DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA**

**RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO EM UM CURSO PRÉ-VESTIBULAR
COMUNITÁRIO**

FABÍOLA MARIA SANTOS DA SILVA

Rio de Janeiro
2009

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
ESCOLA DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA**

**RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO EM UM CURSO PRÉ-VESTIBULAR
COMUNITÁRIO**

FABÍOLA MARIA SANTOS DA SILVA

Monografia apresentada ao curso de Pedagogia, do Centro de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), como requisito parcial para obtenção do grau de Pedagogo.

Orientadora: Prof^a Dra. Maria Elena Viana Souza

Rio de Janeiro
2009

Dedico esse trabalho a minha família, pelo carinho, pela compreensão e pela força que me deram para que eu pudesse trilhar o caminho que me trouxe até aqui e por sempre ter acreditado em mim.

Amo todos vocês!!!

AGRADECIMENTOS

Dedico esse trabalho, primeiramente, a Deus, que me deu a oportunidade e força para ingressar e permanecer nessa universidade, como também, por ter colocado em minha vida pessoas significativas, que transformaram situações difíceis em desafios a serem superados com determinação e perseverança, fazendo transparecer o verdadeiro sentido da amizade.

Aos amigos que vão ficar na lembrança e por perto também, agradecendo-os pelos momentos em que o desespero bateu e sempre havia um ombro amigo para nos consolar. Pelas noites mal dormidas por causa da entrega de algum trabalho, por chegar em casa tarde porque os ônibus cismavam em não passar ou simplesmente por que motorista não via a gente dando “sinal” e vários outros acontecimentos ocorridos ao longo desses quatro anos e meio.

Não posso esquecer de agradecer a duas pessoas, em especial, que Deus colocou na minha vida, que é a Jacqueline e sua mãe Maria, por que se não fossem elas eu não teria a força de vontade de ingressar num curso pré-vestibular e mudar totalmente o rumo de minha vida. Foram elas que me deram o incentivo de não desistir da vida, e de perceber que precisamos passar por momentos turbulentos e sair deles sem ferimentos, pois tudo na vida passa. Estava passando por um momento muito difícil em minha vida, que foi superar a perda de minha mãe, mas a força delas fizeram perceber que a vida continua aos que ficam na terra. E por isso dedico esse trabalho a elas. Obrigada pelo carinho e paciência que tiveram comigo. Sem esquecer também que através dela conheci um super amigo, Gil, que também nas horas difíceis estava do meu lado dando apoio. Adoro vocês!

Também dedico esse trabalho a minha família, pela preocupação, pelos dias em que cheguei tarde da faculdade, pela falta de ânimo em casa, e dedico em especial, ao meu pai, pelo cansaço em esperar chegar e a constante preocupação se estava tudo bem comigo por causa da violência urbana; e aos meus irmãos que por muitas vezes me ajudaram, cada um à sua maneira, um encorajando, dando forças, valorizando e o outro, além do apoio e da força ajudava com assuntos práticos do dia-a-dia. Quantas vezes cheguei tarde e a casa estava arrumadinha e minha janta me esperando. Agradeço-os por tudo. Amo vocês!

Há alguns professores que ensinaram o verdadeiro sentido de ser docente, mostrando que apesar dos obstáculos que essa profissão enfrenta, não somente essa, mas qualquer outra, é preciso dedicação e garra para lutar pela igualdade, pela justiça, pois se cada um fizer sua parte com amor a sua profissão caminharemos para uma educação de qualidade.

Esse trabalho é dedicado a minha orientadora Prof^ª Dr^ª Maria Elena Viana Souza, que com sua competência mostra o ser humano que é, dedicada, responsável e acima de tudo


humana, que luta e se incomoda quando os direitos dos outros são violados, pela desigualdade e pelo preconceito. Obrigada por fazer parte da minha vida acadêmica.

Ainda agradeço a Profª Drª Claudia Fernandes de Oliveira, que me concedeu a oportunidade de ser sua monitora e de ter tido paciência com meus horários conturbados na faculdade, obrigada por ser essa pessoa maravilhosa, humana, responsável, dedicada e comprometida com seu trabalho de docente. Aprendi muito com você, apesar de ser uma pessoa tímida que, muitas vezes, observa mais do que fala, não significa que não esteja aprendendo ou interagindo. Esse é apenas o meu jeito de ser. Obrigada por tudo.

Agradeço a todos vocês pelo carinho e pela força, pois um grande ciclo está se concluindo em minha vida e estou muito feliz por isso, o meu muito obrigada a todos!!!

Rio de Janeiro

2009



"A principal meta da educação é criar homens que sejam capazes de fazer coisas novas, não simplesmente repetir o que outras gerações já fizeram. Homens que sejam criadores, inventores, descobridores. A segunda meta da educação é formar mentes que estejam em condições de criticar, verificar e não aceitar tudo que a elas se propõe". (Jean Piaget)

RESUMO

Esse trabalho tem como abordagem principal a relação professor-aluno e suas implicações no processo ensino-aprendizagem, em um pré-vestibular comunitário. ^{Apresenta-se} Encontra-se, primeiramente, a história do surgimento dos pré-vestibulares comunitários, como ocorreu a organização e ampliação desse projeto, de acordo com os relatos de alguns autores, como Santos (2003), Nascimento (1999), Oliveira (2003), entre outros. Em um segundo momento, foi abordado como a relação professor-aluno é constituída, e dependendo dela, o aprendizado ocorre, ou não, de forma significativa. Paulo Freire (1996), em *Pedagogia da Autonomia*, foi citado nesse capítulo, como outros autores também. ^{apresenta} Ainda contém, nesse trabalho, depoimentos de alunos e professores do pré-vestibular em questão, obtidos através de um questionário. A análise desses questionários está no terceiro capítulo, onde se busca tecer relações entre os depoimentos e os estudos realizados. Por fim, chega-se à conclusão de como a relação professor-aluno é importante, não somente quando os alunos encontram-se na Educação Infantil ou Ensino Fundamental, mas em qualquer segmento.

Palavras-chaves: professor-aluno; ensino-aprendizagem; pré-vestibular.

^{mas também num curso de} pré-vestibular comunitário.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO I	
Contexto Histórico do Pré-Vestibular Comunitário.....	12
CAPÍTULO II	
A Relação Professor – Aluno.....	19
CAPÍTULO III	
A Relação Professor-Aluno no Curso Pré-Vestibular Gabriel Dellane.....	28
CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
REFERÊNCIAS	44
ANEXOS	
Questionário para os Professores.....	46
Questionários para os Alunos.....	47



INTRODUÇÃO

O interesse sobre o tema *A relação professor-aluno em um curso pré-vestibular comunitário*, surgiu pelo fato de, antes de entrar para a faculdade, frequentei um curso pré-vestibular comunitário, por um ano e meio, e lá vivenciei o comportamento diferenciado dos professores, pois, eles tinham prazer pelo que estavam fazendo e ensinando e não ganhavam salário para exercer tal função.

Infelizmente, os cotidianos escolares de Ensino Fundamental e de Ensino Médio não me trouxeram boas recordações porque pude perceber que a relação professor-aluno era baseada na hierarquia, no distanciamento e na impessoalidade. Apesar das exceções, alguns professores se mostravam autoritários e severos.

A faculdade pôde proporcionar a realização de alguns estágios de observação, e como estagiária do curso de Pedagogia, percebi o quanto há profissionais da educação que trabalham sem sentir prazer pelo que fazem e deixam transparecer para seus alunos o seu desgosto pela profissão, geralmente, pelo fato dos alunos não se enquadrarem no perfil que os professores desejam.

Muitas vezes, o aluno não consegue entender determinado conteúdo ou, simplesmente, não gosta de determinada disciplina, por diversos fatores, entre eles por nunca ter visto o conteúdo, por não ter entendido no período que estudou e ficou por isso mesmo ou por impaciência de quem “ensinou”. Mas, acredito que, na maioria das vezes, se o aluno mantiver uma relação amistosa com o professor, e ele retribuir, o aprendizado ocorrerá.

Exercer a profissão de professor é uma tarefa de permanente busca a novos conhecimentos, métodos e de recursos necessários para a renovação e ampliação do conhecimento. O objetivo dessa pesquisa está, portanto, em investigar como é possível ensinar, de maneira a conquistar a atenção dos alunos e motivá-los no decorrer do processo da aprendizagem, sem que haja o desinteresse dos mesmos, tendo como parâmetro um curso pré-vestibular comunitário. O objetivo baseia-se, não somente em perceber como ocorre o aprendizado em um pré-vestibular comunitário, mas, também, na relação que tanto os alunos quanto os professores estabelecem nesse espaço.

Busco também compreender, dentro desse contexto, quais são os motivos que levam os alunos a freqüentar um curso, onde o ritmo é intenso, acelerado e com bastantes informações, sem desistir ou se deixar abater pelo cansaço ou mesmo desânimo e se a relação que os alunos mantêm com os professores é de cumplicidade e respeito, pois, acredito ser esse fato um grande estímulo para que permaneçam nessa “maratona”.

Para compreender como ocorre essa relação entre professor e aluno no curso em questão, além de uma revisão bibliográfica de autores como Nascimento (1999), Carvalho (2006), Oliveira (2003), Brandão (2004), entre outros, apliquei um questionário fechado a sete alunos e cinco professores do curso. O objetivo da aplicação do questionário era verificar se há um vínculo afetivo na relação dos professores com os alunos, e se caso exista, se há influência no aprendizado.

O ambiente de um curso pré-vestibular tem como função principal preparar alunos para o vestibular. Seu foco não é igualar ninguém, pois, é um espaço frequentado por cidadãos de diferentes culturas, seja ele comunitário ou não, e as pessoas que ali estão tem um propósito em comum. Seu cotidiano é intenso com vários exercícios, simulados, textos, leituras enfim, tudo em um curto espaço de tempo, mas apesar da intensidade, o bom relacionamento com os professores pode ajudar nesse momento de tensão, e apesar de ser uma fase importante, essa preparação não tem que ser rígida ou sofrida e a disciplina, nessa ocasião, são fundamentais.

O professor de um pré-vestibular comunitário, por compreender como é o cotidiano desse espaço, pode se colocar mais próximo do aluno, mantendo uma relação de cooperação, de respeito e de crescimento, considerando a bagagem intelectual e cultural de cada aluno para a construção da aprendizagem. Atitude que deveria ser tomada por todos os professores e responsáveis por uma instituição de ensino.

O grande desafio de um curso como esse, é melhorar a auto-estima desses alunos que se acham incapazes de passar no vestibular por não ter condições financeiras e por viver numa sociedade desigual.

Em suma, no primeiro capítulo é feito um contexto histórico dos pré-vestibulares comunitários, de forma geral.

O curso pré-vestibular tem a função de fazer uma revisão dos 12 anos de estudos, em no máximo um ano, mas, considerando que muitos conteúdos não são dados pelas escolas, principalmente as públicas, considera-se que os alunos terão dificuldades em alcançar êxito, ficando em desvantagem em relação aos demais candidatos. Por isso, os questionamentos na qualidade do ensino nas escolas públicas, a crescente discriminação e as desigualdades existentes na sociedade, para que as novas gerações possam realizar uma caminhada bem sucedida.

No segundo capítulo, é abordada a relação professor-aluno, como é importante o acompanhamento do professor no processo da aprendizagem de seus alunos, tanto na questão individual quanto coletiva (grupo), seu compromisso com a profissão da docência,

quanto em relação aos discentes. Nesse capítulo, também é abordada a questão da afetividade e do diálogo, que tanto Paulo Freire (1996) quanto Gadotti (1999) relatam em suas palavras; sem deixar de mencionar outros autores como Mikukami (1996), que divide a relação professor-aluno nos seus diversos períodos da história da educação em abordagens, como a tradicional, comportamentalista, humanista, cognitivista e sociocultural. Com isso ela explica cada abordagem de acordo com a relação do professor em sala de aula, intercalado com a fala de Saviani (1991), nesse mesmo contexto de abordagem.

Conclui-se o capítulo com a percepção de que essa relação pode ser mantida através de um clima estabelecido entre o professor e seus alunos, de forma que ambos possam ter direitos e deveres a cumprir e que mantenham uma relação de respeito, afeto e cumplicidade, para que todos construam autonomia e liberdade de expressão de modo que correspondam aos objetivos a serem atingidos de acordo com o planejamento do professor.

No terceiro capítulo, descreve-se como surgiu a idéia de se criar um pré-vestibular comunitário e como seria seu funcionamento, desde a formação do corpo docente, como também, a divulgação para os discentes e onde seria realizado o curso. Os seus coordenadores tiveram que pensar como seriam feitos a seleção / inscrição dos alunos e o uso de alguns critérios, pois, a procura pelo curso foi muito grande.

É nesse capítulo que estão descritas a resposta dos professores e dos alunos. As respostas que se diferenciaram estão destacadas e as similares foram comentadas juntas, em um contexto. De acordo com essa descrição percebe-se o funcionamento do curso, a formação do corpo docente e do discente. Os comentários feitos foram pautados no segundo capítulo, que trata da relação professor-aluno, para analisar se o que os alunos relatam nesse questionário tem fundamentos de acordo com os pensamentos dos autores comentados no capítulo anterior.

Nas considerações finais é realizada uma conclusão do questionário com a relação professor-aluno, de acordo com o pensamento de alguns autores e, também, a minha conclusão dessa pesquisa.

CAPÍTULO I

CONTEXTO HISTÓRICO DO PRÉ-VESTIBULAR COMUNITÁRIO

O Brasil apresenta sérios problemas sociais, dentre eles, o desemprego, a falta de profissionais qualificados na área da saúde, do ensino, falta de alimentação, moradia, discriminações raciais, ou seja, negação de direitos e oportunidades para parcelas significativas da população brasileira. Mas para que essas questões possam ser resolvidas é preciso que a educação ofereça um ensino de qualidade para toda a população.

A história de vida de cada indivíduo, apresentada pela sociedade, atribui a exclusão social pela incapacidade do próprio indivíduo, ou seja, o insucesso está na própria vítima e não no sistema socioeconômico e político, que pode agir ou estar agindo de forma excludente. Por essa incapacidade, o acesso à universidade ainda se mostra como um grande obstáculo, pois há aqueles que desejam e querem, mas há também, àqueles que conseguem e não podem permanecer por não ter condições de se manter.

A desigualdade, em relação à qualidade do ensino dos grupos sociais, há décadas vem sendo temas de discussões entre estudiosos e fontes de debates na mídia. O Brasil por mais que seja um país de população racialmente diversa, apresenta um caráter seletivo e discriminatório em diversos setores como, na área da educação, em questões financeiras, como também na questão racial, propriamente dita, apresentando dessa forma, a problemática da desigualdade e da exclusão.

Os cursos pré-vestibulares existem desde a década de 1950, na intenção de preparar os jovens ao ingresso às universidades públicas e privadas, mas seu reconhecimento social se deu a partir de 1960. De acordo com estes problemas enfrentados no Brasil, sobre a desqualificação do ensino, principalmente entre os negros e pobres, surge, na década de 1990, novos movimentos voluntários da sociedade civil, relacionado com o movimento negro no Brasil, onde implantam pré-vestibulares para a população negra e pobre, que ficou conhecido como PVNC (Pré-Vestibular para Negros e Carentes), com o intuito de reposicioná-los na sociedade brasileira.

Esse movimento se destina tanto aos aspectos centrais de formação, quanto ao resgate da cidadania em indivíduos que, até então, almejam ingressar no espaço universitário, mas que ao mesmo tempo se vêem incapazes para tal. O PVNC, na verdade, se constituiu como um movimento em rede que congrega dezenas de cursos pré-vestibulares espalhados pela

região Metropolitana do Rio de Janeiro e que se denomina de núcleos, na década de 1990.(BRANDÃO, 2004).

Esse projeto de Pré-Vestibular mostra que instituições de ensino, instituições religiosas, associações de moradores, sindicatos, escolas, universidades, Organizações não-governamentais (Ongs), entre outros, têm se preocupados e contribuídos de forma significativa a oferecer possibilidades e oportunidades, para suprir essa “carência” na formação dos indivíduos, ajuda essa, não somente ao ensino superior, mas na competência humana.

No ano de 1986, a Associação dos Trabalhadores em Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro – ASUFRJ (atual Sindicato dos Trabalhadores em Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro - SINTUFRJ) cria o projeto *Universidade para Trabalhadores* e, dentro desse projeto, surge um curso pré-vestibular. Sua proposta seria a contribuição para a formação educacional e cultural dos funcionários da UFRJ e seus dependentes dos trabalhadores sindicalizados e de moradores das comunidades populares, através de três sub-projetos: a) Curso Pré-Vestibular; b) Curso de Alfabetização e Supletivo 1º e 2º Graus; c) Curso de Formação Sindical e Cultural. (SINTUFRJ, 1996).

Contudo, não se pode deixar de mencionar que, em 1988, a Campanha da Fraternidade, suscita entre as Pastorais Juvenis, iniciativas em prol da cidadania educacional entre a juventude negra, que é consolidada a partir de 1993, na Baixada Fluminense. Seu processo de construção ocorreu por volta de 1989, quando os Agentes da Pastoral do Negro (APNs) de São Paulo começaram a debater sobre a questão das desigualdades educacionais, em relação a variante racial, no Brasil. Esse debate ocorreu para que se revertesse o quadro, em que encontravam os alunos negros, onde não possuíam acesso às universidades, por isso os APNs, buscavam propostas para conseguir bolsas de estudos para esses alunos (SANTOS, 2003).

Esse debate ocorre entre 1989 e 1992, e o primeiro resultado concreto foi a concessão de 200 bolsas de estudos pela PUC-SP, que eram destinadas para estudantes participantes do movimento negro. Essas bolsas concedidas pela PUC-SP fizeram surgir no Rio de Janeiro a idéia de organizar um curso para estudantes negros, através da intervenção do cardeal arcebispo dom Paulo Evaristo Arns. Nesse mesmo ano, (1992) é criada a Associação de Manguera Vestibulares, para atender aos estudantes da comunidade do Morro da Manguera, no Município do Rio de Janeiro, que se preocupa com o desenvolvimento de uma *pedagogia emancipadora*, por considerar os cursos tradicionais como meros treinamentos para passar no vestibular.

Ainda em 1992, funda-se na Bahia, um curso pré-vestibular para preparar negros para os exames do vestibular, curso esse, denominado Cooperativa Steve Biko, homenagem ao líder Sul africano, morto pelo *apartheid*, seu intuito era combater o racismo e afirmar a identidade dos indivíduos.

A criação do primeiro pré-vestibular para negros e carentes surgiu na igreja São João Batista, no município de São João de Meriti, organizado pelo Frei Franciscano David Raimundo dos Santos, em 1993, juntamente com os professores de ensino médio e, militares do grupo católico de Agentes da Pastoral Negros (APN) e do Grupo de Reflexão sobre Negros e Indígenas (GRENI), onde procuraram ter contatos com professores para trabalhar nesse projeto, como também buscaram espaço onde poderiam realizar as aulas, e ao mesmo tempo divulgar e ampliar as idéias (SANTOS, 2001).

A criação desse curso inaugura uma nova fase no trabalho popular de preparação de estudantes para o vestibular, trazendo debates sobre a questão da discriminação racial como uma questão social, pois está relacionado como a sociedade se manifesta em relação à questão da pobreza e da exclusão social. São questões como estas, que levam o entendimento da baixa quantidade de estudantes negros nas universidades brasileiras, principalmente, as públicas (NASCIMENTO, 1999).

Um outro núcleo que se constitui é o Pré-Vestibular da Rocinha, que mesmo desvinculando-se do Pré-Vestibular para Negros e Carentes, em 1999, mantém o caráter de movimento social, mas, adota uma intervenção político-ideológica, na intenção de atender as especificidades da favela da Rocinha, além de ser o primeiro na zona sul do Rio de Janeiro.

Com essas questões em debates, desde 1993 até os dias atuais, surgiram inúmeras experiências de pré-vestibulares, que foram se estruturando e ganhando mais espaço, uns vinculados ao PVNC e outros não como o pré da Rocinha. Dessa forma, ele foi sendo adotado por várias entidades, não somente a igreja católica, como de origem, mas também por outras instituições.

À medida que estes cursos foram se expandindo, foi necessário estabelecer um princípio regulador para seu funcionamento. Portanto, foi criada uma estrutura para que ao mesmo tempo em que esses cursos mantivessem uma autonomia, pudessem estabelecer uma rede de comunicação entre os outros núcleos, para a troca de informações. Para isso, foi criada a Carta de Princípios, que estabelecia as orientações básicas que deveriam ser seguidas pelos núcleos do PVNC, uma das recomendações, por exemplo, era que o movimento deveria ser apartidário, laico e com professores voluntários (OLIVEIRA, 2003).

A Carta de Princípio diz em seu início:

Esta CARTA DE PRINCÍPIO tem por finalidade sistematizar as várias decisões tomadas pelo coletivo do Pré-Vestibular para Negros e Carentes (PVNC), em reuniões da Assembléia Geral e do Conselho Geral. Visa, principalmente, estabelecer os princípios e os objetivos a partir dos quais e pelos quais o PVNC está organizado (...) Por PRINCÍPIOS entendemos idéias, formulações, conceitos, convicções, opções políticas e regras que devem presidir o trabalho e as práticas do PVNC, bem como presidir as relações que se estabelecem entre os núcleos e com outras instituições sociais. (PVNC, 1998).

Em 1998, abre-se uma discussão em busca de pontos específicos e importantes no interior do PVNC para estabelecer uma regra geral para todos os núcleos, tendo a intenção de significar e construir uma identidade para o Movimento, por isso, a Carta de Princípio foi criada. Nela são proclamadas como princípio a democracia, enfatizando que deve ser também uma democracia racial; a ação afirmativa como política cultural de identidade, ação política da sociedade e não somente políticas públicas destinadas a determinados grupos sociais; a educação como um dos canais de inclusão social, pertencimento à cidadania e de alargamento de oportunidades para a população negra, pobre e discriminada, com o importante papel para a superação do racismo e da discriminação sociocultural, sendo, portanto, indispensável à construção de uma sociedade democrática; e, a opção política pela Universidade e Escola Públicas, gratuitas e de qualidade. (NASCIMENTO, 2007).

Dessa forma, esse movimento, tem como finalidade viabilizar acordos para a consecução de bolsas de estudos, isenção de taxa nos vestibulares, realização de reuniões mensais com os coordenadores de núcleos, entre outros. Apesar desse comprometimento, esses cursos, não estão isentos de dificuldades como, por exemplo, resistência de universidades públicas, em permitir a isenção da taxa de inscrição dos alunos que não tem condições de pagar; a evasão desses alunos por questões financeiras ou por não conseguir acompanhar os conteúdos, enfim, por diversas questões que atrapalham o desempenho desse(s) aluno(s).

José Carvalho (2005) ao privilegiar o olhar pedagógico sobre os Cursos Pré-Vestibulares Comunitários percebe que essa obra estrutura-se em um conjunto de reflexões acerca de seus processos de ensino-aprendizagem, metodologia, didática, currículo e formação docente sem, reduzir o trabalho por eles realizado à mera aprovação dos alunos no vestibular. De acordo com esse olhar de Carmelo, percebe-se que um pré-vestibular para ser criado é preciso de uma organização e de preparação como, pensar no público alvo, o papel que será assumido perante a educação, a luta por igualdade de oportunidades no acesso ao ensino superior, o trabalho voluntário tanto dos coordenadores quanto dos docentes, entre outros fatores que envolvem o funcionamento do curso.

Sabe-se que um pré-vestibular enfrenta alguns dilemas em sua organização, tais como: os docentes receberem apenas uma ajuda de custo para o transporte e/ou refeição; não possui um espaço físico próprio; alta rotatividade de educadores e estudantes; heterogeneidade etária, de trajetórias escolares, de papéis sociais, de disponibilidade para o envolvimento com o curso, de visão política, etc. Há também alunos que oriundos de escolas públicas, cuja qualidade tanto pode ser boa quanto pode ser questionável, de acordo com suas condições sociais desfavoráveis perante a sociedade, sentirem dificuldades, ou não, de compreender os conteúdos. O objetivo dos pré-vestibulares é a não-exclusão e por isso abraçam todas essas dificuldades e diferenças, junto aos alunos (CARVALHO, 2008).

Uma das dificuldades encontradas, em relação à faixa etária, está no fato de que os alunos com idade mais avançada não conseguem acompanhar alguns conteúdos e por isso pensam em desistir do curso, pois se sentem excluídos. No pré, esse aluno é acolhido e participa junto com os jovens, que tanto tem a aprender com ele quanto a ensinar. A maior riqueza encontra-se no respeito à diversidade. Com a necessidade de contemplar todos os alunos, os coordenadores e professores dos pré-vestibulares possuem a tarefa de construir uma pedagogia que consiga aproximar aqueles que há muito tempo não têm contato com os estudos e, ampliar e aprofundar os conhecimentos de quem já tem uma base (Idem).

Uma outra questão refere-se à evasão dos alunos dos cursos pré-vestibulares. Normalmente, quando chega os meses de julho, agosto e setembro, pois trata-se do período de inscrição nos vestibulares, e os alunos que se sentem fragilizados diante da tensão e das adversidades da vida como, por exemplo, o ingresso ao mercado de trabalho para contribuir com a renda familiar, acaba desistindo de permanecer no curso.

Alexandre Nascimento (1999) relata essa questão, quando trata dos grupos sociais que vivem em condições impostas de exploração, dominação, discriminação, esmagamento de identidade e negação de direitos fundamentais, como o direito ao trabalho, à moradia, à remuneração digna, cuidados com a saúde, acesso à educação, enfatizando a população negra.

Renato dos Santos (2008) ao discutir as questões dos pré-vestibulares populares - dilemas políticos e desafios pedagógicos - mostra como se constrói o vestibular:

Como um exame que põe, na condição igualitária de 'candidatos', indivíduos oriundos de grupos sociais distintos e, portanto, com bagagens de formação escolar, discricionariamente definida, em função desse processo de triagem socialmente constituído. Mais do que isso, o vestibular confronta, sob o manto da aferição da preparação educacional, indivíduos de trajetórias sociais díspares, sendo, portanto, uma barreira institucional à ascensão educacional e social de estudantes pobres. Enquanto ponto de tensionamento

ele se institui e se autonomiza – política, pedagógica e muitas vezes – por que não dizê-lo? – financeiramente. (p.199)

Nesse trecho, Santos (2008) expõe o exame do vestibular como uma seleção e /ou competição que assegura a elitização do acesso a saberes técnicos e acadêmicos, fato ainda valorizado na sociedade moderna. O ingresso à universidade não significa somente possuir qualificação ao mercado de trabalho, mas também, ter a possibilidade de acesso aos instrumentos de produção de conhecimentos. Sabe-se que o acesso à universidade não é algo fácil de se conquistar, pois ainda não há vagas suficientes para a população, porém, para a população pobre, essa tarefa se torna quase impossível, pois a competição desqualifica os saberes oriundos de cada indivíduo.

Santos (2008) ainda continua questionando sobre o vestibular:

O vestibular surge como uma necessidade da universidade, não somente para selecionar os alunos que nela ingressam, mas também para indicar o perfil dos alunos que ela deseja. Portanto, esse exame deveria comportar formatos de construção que valorizassem os saberes que a universidade considera necessários aos alunos ingressantes. Entretanto, a tônica é autonomizar uma lógica pedagógica, e o vestibular acaba sendo caracterizado por uma lógica independente e distinta daquelas que caracterizam o Ensino Básico e o Ensino Superior, ou seja, a burocratização e a autarquização das esferas que regulam as relações sociais em nosso país legam ao vestibular uma possibilidade de estruturação segundo lógicas de apreensão e produção de conhecimentos, distintas daquelas que condicionam as trajetórias de alunos, tanto no ensino básico quanto no superior. (p. 196).

Esse fato observado por Santos (2008), analisa que não somente deve-se olhar para como ocorre a preparação dos cursos pré-vestibulares, mas também, olhar como são os processos que os candidatos enfrentam para ingressar nas universidades. O autor analisa os dois lados, tanto dos pré-vestibulares quanto das universidades e, verifica que a universidade precisa ser vista como um ambiente diversificado, que abrange diversas culturas, e não somente como acesso à elite. Ela deve ser um local de receptividade para qualquer candidato que esteja disponível ao aprendizado e na busca da ampliação de conhecimentos.

Em relação aos cursos pré-vestibulares, principalmente o PVNC, percebe-se que são movimentos que estão em permanente construção, com avanços e retrocessos em sua trajetória, com momentos de grande articulação, como também, momentos de desarticulação. Para alguns de seus participantes, o PVNC é visto com um projeto (da igreja católica, do movimento negro, etc.); para outros o PVNC é um movimento social sem um projeto global; e há aqueles que visualizam o PVNC apenas como um pré-vestibular, resumindo seu papel na preparação para o vestibular (NASCIMENTO, 1995).

Thum (2000), a partir de pesquisa para sua dissertação de Mestrado em Educação, afirma a sua visão na proposta dos pré-vestibulares.

A proposta de Pré-Vestibulares Populares interfere no meio universitário reivindicando educação pública e gratuita em todos os níveis como direito de todos, e mais, que os trabalhadores, descapitalizados economicamente, não obrigatoriamente são 'pobres' em conhecimento, ou no que é ainda mais preconceituoso 'são incapazes de aprender'(...) Desta forma, no espaço da sociedade, o significado da ação dos Pré-Vestibulares Populares é política e educativa, ou seja, por um lado força as instituições e os responsáveis pela sua administração a repensarem sua atuação dado que há uma demanda social muito forte por acesso ao ensino superior e que estes precisam efetivamente implantar políticas públicas que permitam o acesso da classe trabalhadora à universidade, e no âmbito educativo esta experiência se apresenta como um dos espaços de aprendizagem da luta: no forçar a universidade a se comprometer com esta demanda e ao reivindicar direitos, ensina um modo de organização dos movimentos sociais. (p.41).

Essa citação reforça a questão de inclusão da população desfavorecida, ou seja, da classe trabalhadora e pobre ao ensino superior como direito, não julgando a condição social de um indivíduo como incapacidade para o aprendizado. ~~Uma~~ Outra questão que cabe aos pré-vestibulares se encontra no desenvolvimento de atividades de elevação da autoestima, que seria uma das tarefas mais importantes do curso, pois trata de fatores externos de cada indivíduo que acaba interferindo no interior de cada um e, pode ocasionar a desistência de permanecer no curso. Mas, não é isso que acontece, normalmente os cursos tradicionais estão se preocupando em transmitir os conteúdos com o objetivo de preparar os alunos para o vestibular. Talvez, seja essa a principal diferença entre esses cursos e os cursos voltados para a comunidade popular, como o PVNC.

CAPÍTULO II

RELAÇÃO PROFESSOR – ALUNO

Antes de focalizar na relação professor-aluno, é preciso compreender como ocorre o processo de ensino e o processo de aprendizagem, que são elementos primordiais nessa relação. O ensino consiste na resposta planejada às exigências naturais do processo de aprendizagem, com isso, é importante o professor acompanhar a aprendizagem do aluno, do que se concentrar demasiadamente no assunto a ser ensinado, ou mesmo nas técnicas didáticas como tais. O ensino é visto como resultante de uma relação pessoal do professor com o aluno. (SANTOS, 2001).

Santos (2001) ao se referir à importância do professor em acompanhar a aprendizagem do aluno, atenta para o fato de que esse mesmo professor deve se concentrar somente no aluno, esquecendo dos métodos adotados por cada professor no processo da aprendizagem, mas, como se concentrar nele (aluno) se há todo um planejamento a ser seguido? O professor precisa articular esse acompanhamento da aprendizagem, nos conteúdos a serem ensinados ou mesmo nas técnicas que ele poderá ou não usar para ensinar.

Como um professor pode acompanhar seus alunos nesse processo sem se focalizar na didática adotada ou no planejamento das aulas? A autora não se detém na questão do professor de escola tradicional, onde, na maioria das vezes, há o estabelecimento de regras disciplinares no modo arbitrário, como afirma Rodrigues (1997), mas, no fato de que se o professor percebe dificuldades no aprendizado do aluno, este usará de novos métodos ou técnicas para ajudar esse aluno de forma que o mesmo consiga acompanhar o conteúdo como os demais, sem que seja excluído. Daí a importância da relação professor-aluno.

Santos (2001), explica que o segredo do bom ensino é o entusiasmo pessoal do professor, que vem do seu amor à ciência e aos alunos. Entusiasmo que pode ser canalizado, mediante planejamento e metodologias adequadas, sobretudo para o estímulo ao entusiasmo dos alunos, pela realização, por iniciativa própria, dos esforços intelectuais e morais que a aprendizagem exige.

De acordo com o pensamento de Santos em relação ao ensino, percebe-se que o professor possui uma responsabilidade no processo de aprendizagem de cada aluno, ou seja, é ele que toma a maior parte das iniciativas, e nada melhor do que Paulo Freire (1996), em seu livro *Pedagogia da Autonomia*, para explicitar como dever ser, ou deveria ser, esse processo.

Ensinar exige comprometimento – Como professor não posso me pôr diante dos alunos, sem revelar com facilidade ou relutância minha maneira de ser, de pensar politicamente. Não posso escapar à apreciação dos alunos. E a maneira como eles me percebem tem importância capital para meu desempenho (...) Minhas preocupações centrais devem estar em procurar a aproximação cada vez maior entre o que digo e o que faço, entre o que pareço ser e o que realmente estou sendo. (p. 96)

A todo o momento, os alunos avaliam seus professores, ou seja, não são apenas os professores que têm a função de avaliar seus alunos, o inverso também acontece, pois, os alunos observam sua conduta, gestos e atitudes que, normalmente, são cobrados quando não convém com os conceitos e métodos aplicados.

Além desse comprometimento e responsabilidade, ensinar exige alegria e esperança, termos também usados por Paulo Freire (1996):

Há uma relação entre a alegria necessária à atividade educativa e a esperança. A esperança de que o professor e aluno juntos podem aprender, ensinar, inquietar-nos, produzir e juntos igualmente resistir aos obstáculos a nossa alegria (...). A esperança faz parte da natureza humana, é um conjunto de ímpeto natural possível e necessário, é um condimento indispensável à experiência humana. (p.72)

Por mais que o professor possa ter a autonomia de conduzir o grupo em sala de aula, é preciso e necessário que ambos, tanto o professor quanto os alunos, possam ter uma interação, vínculo de amizade e respeito, pois, a partir dela, o processo educativo vai ser dirigido. Conforme a maneira pela qual esta interação se dá, a aprendizagem do aluno pode ser mais ou menos facilitada e orientada para uma ou outra direção. Sabe-se que cada um desempenha papéis diferentes na sala de aula e que o professor é o condutor para o estabelecimento desse relacionamento (CARVALHO, 2001).

Procurando analisar essa prática do relacionamento entre professor-aluno, Ricoeur (1969), fala sobre a dificuldade desta relação, defendendo que o ensino é um ato comum do professor e do aluno:

Esta relação (professor-aluno) é difícil; sem dúvidas uma das mais difíceis de ser exercida em nossa sociedade. É primeiramente uma relação assimétrica, em que a carga de competência e experiência dá licença, de parte do ensinante, ao exercício de um domínio que é muito fácil de consagrar meios de instituições hierárquicas e coercitivas. A tendência espontânea do ensinante é pensar que o ensinado não sabe nada, que aprender é passar da ignorância ao saber, e que esta passagem está em poder do mestre. Ora, o ensinado traz alguma coisa: aptidões e gostos, saberes anteriores e saberes paralelos e, sobretudo, um projeto de realização pessoal que não será, senão parcialmente, preenchido pela instrução, pela preparação profissional, ou pela aquisição de uma cultura para os momentos de lazer. O contrato que liga o professor ao aluno comporta uma reciprocidade pessoal.

que é o princípio e a base de uma colaboração. Contribuindo para a realização parcial do projeto do aluno, o professor continua a aprender: ele é verdadeiramente ensinado pelos seus alunos e, assim, recebe deles ocasião e permissão de realizar o seu próprio projeto de conhecimento e saber. (p.72)

Percebe-se nas palavras de Ricoeur que as ações do professor em sala de aula influenciam diretamente na aprendizagem dos alunos. O professor não pode pensar que seus alunos são “potes” vazios que precisam ser preenchidos de conhecimentos, dessa forma, onde estariam a valorização das culturas, dos saberes adquiridos nos seios familiares?

Os professores desejam alunos que saibam respeitar os seus colegas e que consigam se engajar em atividades que exijam concentração e esforço para aprender. Porém, isso não é sinônimo de aluno passivo e silencioso o tempo todo. O silêncio, tão desejado em sala de aula, por alguns, nem sempre é garantia de aprendizagem, pois, o aluno aprende quando participa ativamente de uma atividade, executando alguma tarefa, ouvindo as diferentes formas de percepção dos demais frente a um assunto e tendo a oportunidade de argumentarem as suas idéias através de grupos de discussão ou debates. Essa participação ativa do aluno nas atividades escolares é expressão de energia e entusiasmo, fruto de uma aprendizagem significativa (NERI, 1992).

A aprendizagem é um processo contínuo que acontece durante toda a vida. Só crescemos e nos desenvolvemos na medida em que estivermos abertos a novos conhecimentos e estivermos dispostos a modificar nossas opiniões, crenças, valores, convicções, não somente em relação aos alunos, mas, aos professores e a todos os seres humanos.

A sala de aula é um espaço vivo que, além de conflitos, há também momentos de interação que ocorrem na relação professor-aluno. Em sala de aula observa-se que algumas disciplinas despertam mais interesses de um grupo do que de outros, que há mais afinidades com um professor do que com o outro, mas, nem por isso deve-se tratar com indiferença os professores ou alunos dos quais não se tem uma afinidade. O professor que procura estimular seus alunos através de palavras, gestos, manifestando interesses por eles, como sujeitos importantes e ativos nas relações estabelecidas, possibilita mais do que um simples conteúdo programado, pois, se percebe a interação entre sujeitos, o respeito pela palavra do outro. Como afirma Freire (1996):

Na verdade preciso descartar como falsa a separação radical entre seriedade docente e afetividade. Não é certo, sobretudo do ponto de vista democrático, que serei tão melhor professor quanto mais severo, frio, mais distante e ‘cinzento’ me ponha nas minhas relações com os alunos, no trato dos objetos cognoscíveis que devo ensinar. A afetividade não se acha excluída da cognoscibilidade. O que não posso obviamente permitir é que minha

afetividade interfira no cumprimento ético de meu dever de professor no exercício de minha autoridade [...].(p. 159-160).

Afetividade não significa deixar os alunos fazerem o que bem quiserem em sala de aula, mas em dar atenção, acolhimento, ter sensibilidade e compreensão para com todos igualmente.

O professor é o primeiro substituto dos pais. É ele quem ensina desde a forma de pintar e colar mais adequada, das primeiras letras até a construção de frases para a elaboração de um texto mais complexo. É ele quem proporciona ao aluno transformar um papel em branco em uma redação, em uma história (SILVA, 2006).

O professor é aquele que vai além de transmitir conhecimentos. Pelo estabelecimento de uma relação afetiva, traz no seu interior um modelo com quem podemos nos identificar, sendo estas, por vezes, tão forte a ponto de ambos poderem investir nessa relação, tanto o professor quanto o aluno. O professor é, tanto quanto os pais, um modelo de identificação aos alunos. Para Silva (2006), um professor precisa olhar todos os seus alunos (filhos) individualmente. Tentar compreendê-los de tal modo que seja possível trilhar o melhor caminho sobre o que dizer a cada um deles e porque os conhece, isto é, porque os observa, cuida das suas crianças. Na posição que ocupa de responsabilidade, o professor atua com o objetivo de fazer com que os direitos e deveres sejam compreendidos e seguidos. É um transmissor de limites que permitem a cada educando construir-se e conviver entre os colegas na sala de aula. O relacionamento professor-aluno é atravessado por afetos de amor e ódio. Somos ambivalentes com os nossos pais, com nossos filhos, com o marido ou esposa, com nossos professores e com nossos alunos (Idem).

Silva (2006) ainda relata que o ato de aprender pressupõe uma relação com outra pessoa: a que ensina. Essa pessoa é colocada pelo aluno numa determinada posição que pode ou não propiciar a aprendizagem. É importante que o próprio professor entenda que o lugar que ocupa em relação aos seus alunos não é apenas o daquele que ensina. A dinâmica transferencial atua, assim, no nível do simbólico, permitindo relações não perceptíveis, mas, tão profundas a ponto de possibilitar ou não a aprendizagem.

Para afirmar o relato de Silva (2006), recorro às suas palavras:

A aprendizagem vincula-se às relações afetivas estabelecidas entre professores e alunos, pessoas que se conhecem e desconhecem no processo educacional. A relação pedagógica propicia condições originais, particularmente as transferenciais que permitem renascer sentimentos hostis iguais ou afetuosos, os quais podem impedir ou favorecer o reconhecimento da autoridade do professor para ensinar. A transformação da autoridade

formal em autoridade real depende de um campo transferencial favorável à relação professor-aluno. A criança depende de seus professores como depende de seus pais.(p.167)

Para que os alunos desenvolvam melhores suas capacidades cognitivas é necessário que o professor não atribua a si um poder sobre seus alunos, mas, que sejam conscientes de seus poderes. Conforme Morgado (1995) “[...] o professor trabalhará para que o aluno cresça intelectualmente não para que se transforme num filho ideal. Para isso, o professor deve identificar os sentimentos transferenciais que o aluno lhe dirige, sem, no entanto corresponder a eles [...]” (p.113).

Essa relação de transferência acontece, normalmente, quando o aluno está na Educação Infantil ou no Ensino Fundamental, relacionando o professor ou substituindo-os aos seus pais, por isso, a relação que se estabelece entre ambos precisa ser de confiança e, nessa interação os professores percebem o potencial de cada aluno em relação à aprendizagem.

Desta maneira, o aprender se torna mais interessante quando o aluno se sente competente pelas atitudes e métodos de motivação em sala de aula. O prazer pelo aprender não é uma atividade que surge espontaneamente nos alunos, pois, não é uma tarefa que cumprem com satisfação, sendo em alguns casos encarada como obrigação. Para que isto possa ser mais bem cultivado, o professor deve despertar a curiosidade dos alunos, acompanhando suas ações no desenvolver das atividades (GADOTTI, 1999).

O professor não deve preocupar-se somente com o conhecimento através da absorção de informações, mas também, pelo processo de construção da cidadania do aluno. Apesar de tal, para que isto ocorra, é necessária a conscientização do professor de que seu papel é de facilitador de aprendizagem, aberto às novas experiências, procurando compreender, numa relação empática, também os sentimentos e os problemas de seus alunos e tentar levá-los à auto-realização (GADOTTI, 1999).

O trabalho do professor em sala de aula, seu relacionamento com os alunos é expresso pela relação que ele tem com a sociedade e com a cultura. De um modo mais concreto, não se deve pensar que a construção do conhecimento é entendida como individual. O conhecimento é produto da atividade e do conhecimento humano marcado social e culturalmente. O papel do professor consiste em agir como intermediário entre os conteúdos da aprendizagem e a atividade construtiva para assimilação. (ABREU & MASETTO, 1990). Desse modo os autores afirmam que “é o modo de agir do professor em sala de aula, mais do que suas características de personalidade que colabora para uma adequada aprendizagem dos alunos;

fundamenta-se numa determinada concepção do papel do professor, que por sua vez reflete valores e padrões da sociedade” (p.115).

Esses autores citam alguns comportamentos para o estabelecimento de um clima facilitador de aprendizagem para o aluno. Assim o professor:

1. Favorece situações em classe nas quais o aluno se sente à vontade para expressar seus sentimentos.
2. Faz com que a composição dos grupos de estudo varie no decorrer do curso.
3. Tenta evitar que poucos alunos monopolizem a discussão.
4. Compartilha com a classe na busca de soluções para problemas surgidos com o próprio professor, como o curso ou entre alunos.
5. Expressa aprovação pelo aluno que ajuda colegas a atingirem os objetivos do curso.
6. Respeita e faz respeitar diferenças de opinião, desde que sejam opiniões bem fundamentadas.
7. Expressa aprovação pelo aluno que toma iniciativa, desde que estas contribuam para o crescimento da classe.
8. Usa vocabulário que é claramente compreendido pelo aluno. (p.120).

São questões como estas, que favorecem a relação, em sala de aula, entre professor e aluno. Talvez seja uma tarefa um pouco complicada, pois, nem sempre há condições propícias para um processo que favoreça essa relação, tais como: trabalhar com uma turma com alunos em demasia, poucos recursos de materiais didáticos, estrutura física precária, planejamento que não possibilite a “liberdade” ou “autonomia” dos professores. Porém, o professor não deve desistir de tentar, sempre que possível, apesar dos obstáculos, que suas aulas sejam com qualidade, com comprometimento, interesse e que seus alunos tenham a oportunidade de manifestarem suas opiniões, que possam ter contato com outros materiais para a ampliação de seus conhecimentos, como visita a museus, teatro, exposições, e se caso os alunos não mantêm contato, isso dependerá da realidade encontrada em sala de aula. De acordo com isso, os professores não podem esquecer de manifestarem suas indagações e inquietudes sobre a falta de recursos necessários para a qualidade do ensino.

Segundo Freire (1996):

O bom professor é o que consegue, enquanto fala, trazer o aluno até a intimidade do movimento do seu pensamento. Sua aula é assim um desafio e não uma cantiga de ninar. Seus alunos cansam, não dormem. Cansam porque acompanham as idas e vindas de seu pensamento, surpreendem suas pausas, suas dúvidas, suas incertezas.(p.96)

E ainda complementa:

O professor autoritário, o professor licencioso, o professor competente, sério, o professor incompetente, irresponsável, o professor amoroso da vida e das gentes, o professor mal-amado, sempre com raiva do mundo e das pessoas, frio, burocrático, racionalista, nenhum deles passa pelos alunos sem deixar sua marca. (p.96)

Paulo Freire chama atenção para o fato de que qualquer que seja a atitude do professor em sala de aula, esta marca a vida do aluno e caso sua postura afete o aluno, deixará marcas negativas, caso tenha sido de respeito, atenção e comprometimento terão deixado sua marca de um bom professor. É isso o que marca a vida de um aluno. Às vezes, quando um aluno apresenta dificuldades no aprendizado de uma determinada disciplina, pode ter várias causas, dentre elas a forma como o professor esteja ensinando, a falta de atenção do aluno nas atividades, dificuldade de aprendizado ou mesmo não gostar da disciplina, entre outros fatores. Cabe ao professor tentar solucionar essa questão mostrando-se prestativo, atencioso, mostrando uma outra forma de aprender. Com isso o aluno perceberá que o aprendizado é simples, mas que é preciso dedicação. Esta relação é que faz diferença em relação aos demais.

Mizukami (1986) analisa a relação professor-aluno dividindo os diversos períodos da história da educação em abordagens, como a tradicional, a comportamentalista, a humanista, a cognitivista e a sociocultural.

Na abordagem tradicionalista, segundo a autora, esta relação é vertical e o mestre ocupa o centro de todo o processo, cumprindo objetivos selecionados pela escola e pela sociedade. O professor comanda todas as ações da sala de aula e sua postura está intimamente ligada à transmissão de conteúdos. Ao aluno, neste contexto, está reservado o direito de aprender sem qualquer questionamento, através da repetição e automatização de forma racional. (p.14-15).

Saviani (1991), referindo-se à relação professor e aluno, na escola tradicional, mostra-nos que o professor "transmite, segundo uma gradação lógica, o acervo cultural aos alunos. A estes cabe assimilar os conhecimentos que lhes são transmitidos".(p. 18)

Ainda sob esta perspectiva, o aluno para ter acesso ao conhecimento, tinha de passar pelo professor, que era quem mediava a relação. Assim, o professor controla todas as ações exigindo dos alunos obediência que, por outro lado, é também exigida na empresa ou na indústria. Desta forma, pensar, questionar é coisa do chefe ou do dono da empresa. (SAVIANI, 1991).

Na abordagem comportamentalista, segundo Mikukami (1986), o professor é um planejador do ensino e da aprendizagem que trabalha no sentido de dar maior produtividade, eficiência e eficácia ao processo, maximizando o desempenho do aluno. O professor, como um analista do processo, procura criar ambientes favoráveis de forma a aumentar a chance de repetição das respostas aprendidas. (p.31-32).

Saviani (1991), ao comentar essa abordagem, relata:

O elemento principal passa a ser a organização racional dos meios, ocupando o professor e aluno posição secundária, relegados que são a condições de executores de um processo cuja concepção, planejamento, coordenação e controle ficam a cargo de especialistas supostamente habilitados, neutros, objetivos e imparciais.(p. 24)

A abordagem humanista, segundo Mikukami (1986), refere-se "às qualidades do professor (facilitador) que podem ser sintetizadas em autenticidade, compreensão empática - compreensão da conduta do outro a partir do referencial desse outro - e o apreço (aceitação e confiança em relação ao aluno)".(p.53)

A autora explica o fato que o professor facilitador da aprendizagem está aberto às novas experiências, procurando compreender seus alunos numa relação empática, como também nos seus sentimentos e problemas, tentando direcioná-los para a autorealização. A responsabilidade da aprendizagem (objetivos) também fica ligada ao aluno, e o professor deve facilitar esse processo, que depende da capacidade individual de cada professor, de sua aceitação e compreensão e do relacionamento com seus alunos.

Na abordagem cognitivista, a mesma autora explica que o professor atua investigando, pesquisando, orientando e criando ambientes que favoreçam a troca e cooperação. Ele deve criar desequilíbrios e desafios sem nunca oferecer aos alunos a solução pronta. Em sua convivência com alunos, o professor deve observar e analisar o comportamento deles e tratá-los de acordo com suas características peculiares dentro de sua fase de evolução. (p.77-78)

Na abordagem sociocultural, a autora afirma que a relação entre o mestre e o aprendiz é horizontal: professor e aluno aprendem juntos em atividades diárias. Neste processo, o professor deverá estar engajado em um trabalho transformador procurando levar o aluno à

consciência, desmistificando a ideologia dominante, valorizando a linguagem e a cultura. Nesta abordagem, o diálogo marca a participação dos alunos juntamente com os professores. Os estudantes são partes do processo de aprendizagem que procura enfatizar a cooperação e o trabalho coletivo na resolução dos problemas sociais.

Assim, segundo Borges (1995), os professores deverão valorizar mais os alunos, ou seja, ênfase no aluno e não na matéria como estamos fazendo. É importante citar que isto não significa dizer que o professor abandonará seus conteúdos, pois, somente aqueles professores que alcançaram um alto grau de conhecimento sobre seus conteúdos é que são capazes de se libertarem dos mesmos, para efetivamente, dar atenção para as reais necessidades de seus alunos. O professor deverá valorizar seu aluno permitindo que o mesmo avance em sua jornada do aprender, onde ele construa e reconstrua, elabore e reelabore seu conhecimento de acordo com sua habilidade e seu ritmo e, neste contexto, o uso das redes poderá ampliar e implementar o processo de ensino e aprendizagem.

Logo, a relação entre professor e aluno depende, fundamentalmente, do clima estabelecido pelo professor, da relação afetiva com seus alunos, de sua capacidade de ouvir, refletir e discutir o nível de compreensão dos alunos e da criação das pontes entre o seu conhecimento e o deles. Indica também, que o professor deve buscar educar para as mudanças, para a autonomia, para a liberdade possível numa abordagem global, trabalhando o lado positivo dos alunos e para a formação de um cidadão consciente de seus deveres e de suas responsabilidades sociais.

CAPÍTULO III

A RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO NO CURSO PRÉ-VESTIBULAR GABRIEL DELLANE

O pré-vestibular, que está sendo analisado para essa pesquisa chama-se. Gabriel Dellane, que fica localizado na Estrada Marechal Mallet, em Magalhães Bastos. O curso acontece em uma sala cedida dentro da Obra Social Antônio de Aquino, que é um Centro Espírita.

Na Obra Social Antônio de Aquino (OSAA), existe um trabalho feito para os jovens da comunidade onde são desenvolvidas várias atividades e cursos, com finalidade de ajudá-los no reforço escolar, como trabalhos manuais (pintura em tecido, em tela, crochê, bordados, etc.), Telecurso 2000, creche (horário integral), entre outros.

Em 2003, esse projeto, denominava-se “Transformar” e hoje ele recebe o nome de “Águias do Amanhã”. Nessa mesma época, a coordenadora desse projeto decidiu criar um curso pré-vestibular comunitário de modo que ajudasse a comunidade de baixa renda daquela região. Com seu envolvimento nesse projeto e também em outros relativos à religião, percebeu que sozinha não conseguiria planejar e organizar um curso pré-vestibular, para isso contou com a ajuda de Rosa de Brito, que exerce uma função na Obra Social onde disponibiliza parte de seu tempo em organizar uma equipe que arrecada alimentos e doações de roupas para os que não possuem condições financeiras favoráveis para consumir tais produtos. Ambas trabalhando em prol da solidariedade e do compromisso que assumiram com essa Obra, Rosa aceitou o convite e apoiou a ideia da criação desse curso e ficou responsável pela sua coordenação.

Para Rosa, o planejamento foi um pouco complicado, pois não havia experiência no ramo e ficou a seu cargo, a coordenação do projeto. Seu relato mostra que obteve ajuda de três professores voluntários, que prepararam um planejamento como documento para constar na Obra Social Antônio de Aquino, ^{o2} no qual não obtive acesso.

Para auxiliá-la, principalmente na sua ausência, Rosa teve a colaboração de uma secretária que ajudava na administração do curso.

O espaço na Obra Social foi cedido gentilmente, pois, já que se realizavam outras atividades para a comunidade, não teria o por quê não ser realizado na Obra. De início, era

uma sala pequena, depois foi trocada por uma maior, onde permanece até hoje. A Obra Social colocou as lâmpadas, ventiladores e ganharam um quadro para o uso dos professores.

Rosa não conhecia nenhum professor que pudesse ser voluntário desse projeto, a não ser seu marido, que é formado em matemática e ela, que não concluiu a faculdade de matemática podia ajudar um pouco, mas, mesmo assim não era o suficiente, pois, estavam faltando outras disciplinas necessárias para o vestibular, portanto, divulgou a criação do curso em toda a Obra Social através de panfletos e verbalmente. Como ocorrem palestras (em relação à religião), todos os palestrantes também colaboraram na divulgação, não somente nas palestras, mas em outros lugares que frequentam. Dessa divulgação, apareceram vinte e dois profissionais da educação, com o intuito de oferecer a esses jovens e adultos a oportunidade de melhorias de vida. A equipe contou com: quatro professores de Física, Matemática e de Português; dois de Biologia e Química; um de Literatura; um de Redação; um de Espanhol; um de Inglês; um de História e um de Geografia.

Uma outra forma de divulgação, agora para o público discente, foi na frente da Obra Social, onde colocaram uma faixa com o aviso de inscrições para o curso pré-vestibular; fizeram também alguns prospectos para ampliar a divulgação. A partir dessa exposição, vários candidatos foram surgindo e como havia somente uma sala cedida, foi preciso que os candidatos atendessem a um determinado critério sócio-cultural (condições econômicas), e caso estivessem nesse critério, mas não conseguissem permanecer, ficariam na fila de espera.

A primeira seleção foi a aplicação de um questionário sócio-cultural para saber qual o perfil da turma que se formaria e também a realidade do candidato. A inscrição, para quem fosse fazer o curso era um quilo de alimento e um pacote de 100 (cem) folhas de papel A4 branco.

Com o curso em andamento, foi criado um documento de compromisso em respeitar as atividades da Obra Social Antônio de Aquino (OSAA) com seu aspecto religioso, em não usar roupa inadequada, não fumar, não namorar, não usar som. Obtiveram também um controle dos alunos através de um crachá de identificação.

Esses dados foram obtidos através de uma entrevista realizada com a Rosa de Brito, que hoje não é mais a coordenadora desse pré-vestibular, e sim a Dilene. Sua coordenação surgiu a partir de um estágio obrigatório da faculdade na área de gestão, e como conhecia a Rosa por frequentar a Obra Social, não houve problemas na realização desse estágio. Com a finalização do estágio Dilene resolveu continuar, agora não mais por obrigação de cumprir um currículo acadêmico, mas por se identificar com o projeto.

A partir desse envolvimento e integração com o trabalho passou a ajudar na coordenação. Rosa passou por um período, onde teve que se afastar do pré-vestibular por motivos de saúde na família, e deixou em seu lugar a Dilene junto com uma secretária, acompanhando o curso na medida do possível. Com a experiência e êxito de Dilene, preferiu deixar a seu cargo a coordenação, pois não havia mais sentido, para ela, em voltar porque a atual coordenadora estava muito empenhada na função e também por estar estudando na área.

Na entrevista, a ex-coordenadora, relata um fato que normalmente acontece ao longo desses cinco anos de existência do curso: a turma se inicia com 45 alunos e após a primeira prova da UERJ, muitos alunos abandonam o curso.

Com a nova coordenadora, alguns fatores foram modificados como, por exemplo, para se inscrever no curso é preciso fazer uma avaliação de conhecimentos gerais; em relação aos horários, também foi modificado, inicialmente havia aulas aos domingos e hoje não mais; alguns professores saíram e novos se apresentaram de boa vontade por quererem colaborar de alguma forma na Obra Social Antônio de Aquino (OSAA).

Em Bento Ribeiro, existe um Centro Espírita que é filiado a essa Obra Social, que ajuda muito, convidando seus frequentadores que são da área da educação, para participarem do pré-vestibular. Eles assinam um termo de voluntariado, que é obrigatório, após participarem de uma reunião para captação de dados profissionais e conhecimentos das atividades do Centro de Bento Ribeiro e também do Antônio de Aquino.

Para saber como ocorre à relação professor-aluno nesse curso, foi aplicado um questionário, um direcionado para os professores e outro para os alunos.

O primeiro contato foi com a coordenadora Dilene, que por ser uma pessoa muito ocupada, foram marcados alguns encontros e nenhum deles aconteceu, por causa de alguns imprevistos, mas, a mesma autorizou a aplicação do questionário na turma, pois, como já conhecia o espaço e alguns professores, ela permitiu a entrevista, e ficamos nos comunicamos por e-mail.

O primeiro contato com os alunos foi muito importante não somente para mim, mas, para eles também, pois, havia um interesse da parte deles em fazer várias perguntas em relação ao período em que frequentei o curso, como também em relação à universidade de uma forma geral. Antes mesmo de aplicar o questionário me senti sendo entrevistada por eles. A turma contava com apenas seis alunos, e obtive informações que no início do ano, o curso contava com 40 alunos e naquele momento (setembro) ainda havia alguns alunos desistindo de permanecer no curso. Deixei alguns questionários para os que tinham faltado, voltei algumas vezes, mas não tive um retorno dos que faltaram. A coordenadora disse que apenas

permaneciam 14 alunos. Mas, não obtive sucesso de encontrar o restante daqueles para os quais apliquei o questionário. Apenas um que não tinha respondido me entregou. Portanto, apenas sete alunos responderam o questionário aplicado. ✓

O questionário (em anexo) contava com algumas questões, tanto em relação aos professores quanto aos alunos, das quais poderia verificar como a relação entre ambos é estabelecida e se as opiniões convergem ou divergem entre eles.

As respostas dos professores são parecidas, apesar de não estarem próximos um do outro quando responderam. O que pude perceber nas suas respostas que a maioria é de funcionários públicos, que já exerceram a profissão para a qual lecionam as aulas, e hoje trabalham em outros setores que não correspondem a sua formação. ✓

Todos os cinco professores que responderam ao questionário - apesar de não ter sido todos que dão aulas no curso, pois, não tive disponibilidade de ir todos os dias e também por e-mail não obtive suas respostas - ficaram sabendo desse curso através de vizinhos, colegas que frequentam a Obra Social e outros ainda frequentam o espaço como opção religiosa. E como o curso tem uma finalidade séria, em busca de ajudar a comunidade, eles se interessaram em colaborar, participando desse projeto.

Teve um professor de Física que é Militar da Ativa do Exército Brasileiro, que respondeu que desempenhava uma função no núcleo de valorização da gravidez e da vida intra-uterina e a direção achou que a função era muito perigosa, pois, entrava em favelas para entrevistar as atendidas, e com isso migrou para o pré-vestibular, já que participava das reuniões da Obra Social.

Entre as cinco questões contidas no questionário para os professores há uma pergunta que se refere há interdisciplinaridade na matéria em que oferecem, e se buscam exemplos do cotidiano para a compreensão da mesma. Todos os professores responderam que buscam outros meios para a compreensão dos alunos, relatando que no quesito exemplos do cotidiano, tentam trazer alguns para facilitar a visualização dos alunos sobre a matéria que está sendo discutida, analisando que às vezes é fundamental para o desenvolvimento do processo da aprendizagem. Somente a professora de Espanhol relatou que busca somente exemplos do cotidiano, pois essa disciplina, por ser o estudo de uma outra língua, não tem como ficar buscando interdisciplinaridade.

Alguns professores ficam preocupados se os alunos estão realmente aprendendo. Teve um professor que respondeu o seguinte:

Procuro sempre observar se os alunos gostam das minhas aulas. Já solicitei algumas turmas que escrevessem, anonimamente, sobre o que achavam das aulas, o que deveria melhorar, mas os retornos sempre foram positivos. Procuro estar sempre disposto a ajudá-los, oferecendo-me até para aulas extras quando julguem necessários. Temos uma relação bastante honesta.

Os professores acreditam que tem uma boa relação com os alunos, pois, relatam que gostam do convívio com eles, já que estão juntos de segunda a sábado. Não se encontram todos os dias, mas sabem que tem um encontro marcado toda semana. É mais provável que os alunos faltem do que os professores, pois, algumas vezes, os professores tiveram que dar aulas para três alunos (relato de um professor).

Em relação aos alunos, percebi que há variedade de faixa etária que fica entre os 19 anos a 53 anos. Apesar de conseguir aplicar o questionário para apenas sete alunos, pois os setes restantes não apareceram, conseguir verificar seus posicionamentos em relação ao curso de uma forma geral. Decidir não colocar a opção *nome*, para não expô-los ou mesmo para não criar uma barreira para responder ao questionário.

Nesse questionário, apenas uma aluna disse que trabalha como vendedora e os seis restantes escreveram que não trabalhavam. Os cursos que desejam ingressar variam como: Serviço Social (duas alunas desejam o mesmo curso e também Concurso Público), Pedagogia ou Oficial da PM, Design, Farmácia, Ciência da Computação, Engenharia Mecânica. O interessante é que os professores os incentivam para os estudos e para as provas do vestibular, mas, além disso, os incentivam também, caso não passem para uma universidade, em prestar qualquer concurso público, onde percebam que se enquadram no perfil. É comum quando os alunos se depararem com o primeiro obstáculo desistirem do curso e de alguma forma os professores tentam fazer com que permaneçam e que mudem os sentimentos de que não vão conseguir, pois às vezes, o cansaço mental faz surgir a ideia de desistência.

Alguns alunos disseram que estão relembrando os conteúdos, porém, há aqueles que relataram que os estão vendo pela primeira vez. Relatos de alguns alunos:

O meu aprendizado no pré-vestibular tem sido muito bom. Estou relembrando, mas estou muito mais aprendendo porque já vi muitas matérias que não tive no ensino médio.(Aluno de 21 anos)

Meu aprendizado melhorou muito, estou conseguindo aprender coisas que eu nem esperava aprender pelo fato de ter cursado o Normal. Algumas matérias não estudei, como de

Química, Física e Biologia. Por isso, algumas coisas estou relembrando e aprendendo melhor do que na escola e, as três matérias acima estou vendo pela primeira vez. (Aluna de 21 anos)

Estou conseguindo lembrar muito bem por causa da ajuda dos professores. (Aluna de 53 anos)

Tenho consciência que por problemas pessoais não estou tendo condições adequadas para a dedicação total que preciso, alguns conteúdos conheci em meu ensino médio recente terminado, porém revê-los está valendo a pena. (Aluna de 49 anos)

De acordo com esse relatos percebe-se que os alunos não apresentam dificuldades nos conteúdos ensinados em si, mas há um fator que pesa: a falta de conhecimentos em determinadas matérias, que são fundamentais para prestar o vestibular. Apesar desses relatos, os alunos se mostram confiantes no aprendizado e parecem não apresentar dificuldades em relação a isso.

O fato de uma aluna não conhecer o conteúdo de três disciplinas, que não são isentas do vestibular, por opção de curso feito ter sido o Normal, não a desanima, pois, relatamos que será no pré-vestibular que irá aprender todo o conteúdo não trabalhado e, se conseguirá fazer isso a tempo da realização das provas, não pode afirmar, mas, todos os seus esforços para isso poderão valer a pena.

Na terceira questão pergunto se os professores se importam com o aprendizado de cada aluno ou se, na verdade, estão preocupados em prepará-los para o vestibular. Veja o relato deles:

Os professores se importam muito com o aprendizado dos alunos, porque eles fazem questão de explicar várias vezes ao aluno até que a matéria seja totalmente entendida. (Aluno de 21 anos)

Eles sempre se importam se nós estamos aprendendo, porque sempre eles perguntam para cada aluno e não em geral. (Aluna de 19 anos)

Os professores se importam com a situação dos alunos, pois demonstram isso e questionam os alunos quanto a isso. (Aluno de 19 anos)

Percebo que os exercícios elaborados são específicos em preparar os alunos para o vestibular e desde o primeiro dia de aula a postura dos professores é a mesma, interessados

até em assuntos particulares, como doença, emprego novo e a certeza que tenho é que eles querem ver-nos com um futuro promissor. (Aluna de 49 anos)

Eles se importam, porque eles voltam desde o início para explicar, se preocupam se nós aprendemos o conteúdo, trazem o material a ser lançado, nos incentivam a progredir. Porém, às vezes, é preciso o aluno também correr atrás senão, não adianta nada só o esforço do professor. (Aluna de 21 anos)

Na minha opinião eles são o nosso segundo pai, pois, se preocupam muito em saber se todos entenderam, caso contrário, eles repetem tudo de novo. (Aluna de 53 anos)

Todos perguntam se nós estamos aprendendo. (Aluna de 19 anos)

O fato dos professores retornar o conteúdo explicado quantas vezes forem necessárias para a compreensão de todos e de forma simplificada é um dever do professor, pois, não adianta avançar na matéria se o aluno não consegue acompanhá-lo. Como bem dizia Paulo Freire (1996):

O bom professor é o que consegue, enquanto fala, trazer o aluno até a intimidade do movimento do seu pensamento. Sua aula é assim um desafio e não uma cantiga de ninar. Seus alunos cansam, não dormem. Cansam porque acompanham as idas e vindas de seu pensamento, surpreendem suas pausas, suas dúvidas, suas incertezas.(p.96)

Os alunos vêem essa atitude de uma forma positiva, como algo que os tornam especiais e diferentes dos professores que tiveram na escola. Essas respostas podem ser entendidas, como ausência de compromisso por parte dos professores que tiveram na época de seus estudos anteriores, e conversar sobre assuntos pessoais como todo bom amigo, também os tornam diferentes dos demais, pois, a partir dessa postura, os alunos compreendem que os professores se preocupam com eles.

Na quarta questão, meu objetivo é verificar se os alunos perceberam diferenças entre a postura dos professores do ensino fundamental e médio e os professores do pré-vestibular, já que seus relatos, na questão anterior, foram favoráveis aos professores. Seguem as respostas:

Sim. A matéria é mais corrida, eles têm que ensinar tudo que aprendemos em três anos. (Aluna de 19 anos)

Sim, os professores do pré são mais preocupados em saber se alguém tem dúvidas e são mais dedicados e fazem de tudo com amor e paciência. (Aluna de 53 anos)

Sim, os professores do pré são mais atenciosos e explicam com mais detalhes. (Aluna de 21 anos)

No meu caso não, quando cursei o ensino médio, aos meu 46 anos, fui recebida com respeito, atenção e interesse de todos os professores, e tudo de novo acontece agora, um sonho que jamais pensei que fosse realizado, eu conseguir está entre os jovens. (Aluna de 49 anos)

Sim, os professores do ensino médio, pelo menos na rede pública, passam seu conteúdo sem se importar tanto com os alunos quanto no pré-vestibular. (Aluno de 19 anos)

Sim, os professores do pré-vestibular comunitário se importam com cada aluno, eles têm uma 'amizade' com o aluno. (Aluna de 19 anos)

Sim, porque no ensino médio a matéria que os professores ensinam é importante, mas a forma como eles ensinam não está adequada com o que é cobrado no vestibular e só no pré-vestibular é que eu pude ver o que é realmente cobrado nas provas. (Aluno de 21 anos)

Esses relatos nos mostram a questão da amizade entre os professores e alunos, e esta relação se envolve no aprendizado. Explicar a disciplina com mais detalhes, a forma como se ensina, as conversas, as dicas, fazem os alunos perceber uma diferença entre esses professores com os do ensino fundamental e médio. Os professores de uma instituição de ensino regular precisam seguir um currículo programado - não que os dos pré-vestibulares comunitários também não precisem - mas, se colocar de uma maneira mais próxima dos alunos, que estão nesse curso porque desejam, fazem com que os alunos questionem os professores da rede pública. Consideram que eles não se importam com os alunos como os do pré-vestibular comunitário.

De acordo com as respostas da quarta questão, foi elaborada uma outra que permitira a reflexão à resposta anterior, pois, os alunos deveriam responder como esse fato influencia na forma como lidam com os estudos, segundo a postura dos professores. Relatos:

Sim, porque pensei em estudar de uma forma diferente do que estudava no ensino médio. Agora estudo com muito mais atenção às matérias cobradas. (Aluno de 21 anos)

Sim, porque os professores mostram que é fácil aprender é só ter paciência. As aulas são dinâmicas e divertidas. (Aluna de 19 anos)

comunitário os fazem ter um valor muito grande, não somente em questões profissionais, mas sentimentais de acordo com os relatos dos alunos.

Salas cheias qualquer professor deseja, ainda mais quando os alunos interagem e gostam do seu método de ensino, mas, como explicar o motivo da evasão, se os relatos nos mostram que os professores são atenciosos, dedicados, pacientes e preocupados com o aprendizado individual? Pode ser pelo fato dessa motivação não ter atingido os alunos que desistiram? E por que tentam outro modo de “encarar” a vida? Seja procurando um emprego, caso não o tenha, fazendo um curso técnico para se qualificar. E aos que ficaram pode-se concluir que possuem uma outra visão nessa relação com os professores.

Na última questão pergunto o que mudará na sua vida o ingresso à universidade?
Alguns relatos:

Tudo.(Aluna de 49 anos)

Uma cultura melhor, e um sonho realizado, pois, já tenho uma estabilidade financeira boa.(Aluna de 53 anos)

Primeiro, terei o nível superior no currículo, mais oportunidades de emprego; segundo, conseguir um emprego melhor, e principalmente, na área em que eu pretendo seguir (Pedagogia ou Oficial da PM), fazer o que eu gosto; terceiro, por ter mais capacidade para passar em um Concurso Público.(Aluna de 21 anos)

Os outros relataram que seria um sonho realizado, com uma especialização, ou seja, uma carreira para conseguir ter mais oportunidades no mercado de trabalho, como também ter mais aprendizado.

De acordo com as respostas dos alunos pode-se perceber que a maioria apresenta uma boa relação com os professores. Há dois alunos que analisam essa relação como sendo algo natural que precisa acontecer para que eles (alunos) tenham uma base para passar no vestibular, mas, para outros, essa relação é fundamental para que o convívio diário seja satisfatório para ambos, e que juntos possam aprender a enfrentar os obstáculos que aparecem no caminho rumo à universidade.

Às vezes, por causa de uma disciplina não oferecida no ensino regular, deixa-se de aprender um determinado conteúdo que é importante e fundamental no vestibular, ou mesmo não recordar e quando se está há um bom tempo sem estudar dificulta um pouco. O pré-

vestibular é um curso que dura no mínimo um ano, e tem o intuito de preparar jovens ou adultos para o vestibular, por isso, seu ritmo é intenso e os professores precisam que seus alunos relembrem os seus períodos de estudos, em apenas um ano.

Sandra dos Santos (2001), citada no Capítulo II, lembra que o segredo do bom ensino está no entusiasmo pessoal do professor, que vem do seu amor aos alunos e à ciência, canalizado no planejamento e metodologias adequadas, estimulando seus alunos para a iniciativa própria, para os esforços intelectuais e morais que a aprendizagem exige.

Apesar dos professores serem voluntários, assumiram um compromisso com essa instituição e com isso criaram um comprometimento com esses alunos, que estão no curso porque desejam ingressar numa universidade. Relatos que afirmam as palavras de Paulo Freire (1996), quando ele diz que “ensinar exige comprometimento - não posso me pôr diante dos alunos, sem revelar com facilidade ou relutância minha maneira de ser, de pensar politicamente [...]”.p. 96.

De uma forma geral percebe-se que essa relação baseia-se nas concepções humanista, cognitiva e sociocultural abordadas pela autora Mikukami (1986).

Na concepção humanista, a autora afirma que o professor facilita a aprendizagem, estando disponível a novas experiências, procurando manter uma relação empática com seus alunos, como também tentando direcioná-los a autorealização. Essa abordagem é encontrada no pré-vestibular de acordo com os relatos dos alunos, quando respondem que seus professores se preocupam com o aprendizado individual, e tem uma aluna, em particular, que relatou que o professor se interessa até por assuntos particulares como emprego, doenças, enfim, pois, percebem, de alguma forma, que seus alunos estão sendo afetados ou mesmo não estão produzindo como deveriam, portanto, buscam saber a causa desse desinteresse ou desmotivação.

A abordagem cognitiva, também relatada pela mesma autora, coloca o professor atuando na investigação, orientação e criação de situações onde possa ocorrer a troca e a cooperação entre os alunos. O professor observa e analisa o comportamento dos alunos e trata cada um de acordo com sua peculiaridade dentro de seu limites ou fase de evolução. Quando o professor pergunta a cada aluno se está conseguindo resolver as questões propostas, na verdade, está se preocupando com o desenvolvimento individual de cada aluno e não somente pensa no conteúdo dado, pois não adianta avançar com o conteúdo se os alunos não estão aprendendo ou lembrando os conceitos, logo, não obterá bons resultados.

Alguns relatos mostram que os alunos questionam o ensino na rede pública, pois, para eles a escola não ensina de acordo com o que é cobrado nos vestibulares. Portanto, esse

mesmo aluno questiona que pensava em estudar diferente quando estava no ensino médio e agora, que está no pré-vestibular verifica que precisa de mais atenção para estudar. Em um outro relato, eles dizem que os professores mostram como é fácil estudar; que é preciso apenas ter paciência e dedicar uma parte de seu tempo aos estudos.

Na abordagem sociocultural de Mikukami (1986), ela afirma que a relação entre professor e aluno precisa ser horizontal, ou seja, o professor e aluno aprendem juntos. Nessa perspectiva, o professor tenta levar o aluno à consciência, desmistificando a ideologia dominante, valorizando a linguagem e a cultura. O diálogo é chave principal nessa abordagem.

No relato de alguns alunos sobre a forma dinâmica de administrar as aulas, os alunos se vêem motivados a frequentar o curso. De acordo com essa última abordagem, em que o professor se coloca no mesmo lugar do aluno e não em um patamar acima deles, nos mostra uma forma diferente do que eles já estão acostumados a terem, como por exemplo, numa escola de ensino regular. A ideologia dominante é o grande empecilho para que desistam de continuar no curso, já que acham que não terão chances de ingressar numa universidade. O diálogo é o melhor método para que qualquer pensamento de desistência seja abandonado.

Borges (1995) enfatiza que os professores precisam valorizar mais seus alunos, dando ênfase neles e não somente nas matérias; valorizar no sentido de permitir que os mesmos avancem em sua jornada do aprender, construindo e reconstruindo, elaborando e reelaborando conhecimentos de acordo com suas habilidades e ritmos.

Pode-se perceber esse comportamento na fala de um aluno, em específico, quando relata que foi elogiada pelo professor porque havia melhorado em Matemática e, para complementar, o professor cobrou se estava estudando em casa para que as dúvidas surgissem e, assim, ele pudesse ajudá-lo, e o aluno ainda intensifica que sua obrigação é se dedicar aos estudos caso pretenda passar no vestibular. Essa dedicação dispensada pelos professores faz com que os alunos fiquem estimulados em estudar, dedicando-se sem pensar em desistir pelo meio do caminho.

Há uma outra questão que se remete ao sentimento por partes dos alunos: saber que seus professores dispensam parte do seu tempo para se dedicar a um trabalho voluntário. Duas alunas, mais experientes, ao lerem suas respostas, oralmente, emocionaram-se, dizendo que esse questionário foi feito para elas, pois, o sentimento despertado, naquele momento, por elas, na sala, fez todos os presentes se emocionarem também, pois, tinha uma história de vida envolvida: sonhos, conquistas, esperanças, metas, enfim.

Dizer que os professores trabalham voluntariamente é um exemplo de vida; dividir seu conhecimento é como guiar um deficiente visual na escuridão e fazer renascer sonhos é algo muito além de apenas ensinar para passar no vestibular. Essa aluna relatou que não frequenta as aulas assiduamente e reconhece que às vezes deixa os estudos a desejar porque trabalha como autônoma e precisa de um tempo maior para seu trabalho, mas, nem por isso deixa de ir ao curso quando tem um tempinho, pois, se sente motivada pelas aulas. E nem por isso, quando um colega de turma diz que vai desistir, por achar que não tem condições de passar ou por qualquer outro motivo, ela o encoraja, dando seu exemplo de vida, que é o seu maior orgulho, quando concluiu seu ensino médio aos 46 anos.

Na relação professor-aluno, o papel do professor é de mediador do conhecimento. A forma como o professor se relaciona com o aluno reflete nas relações do aluno com o conhecimento e nas relações aluno-aluno. O professor, querendo ou não, é um modelo, na sua forma de relacionar-se, de expressar seus valores, na forma de resolver os conflitos, na forma de falar e ouvir. E percebe-se que essa relação não é uma simples transmissão de conhecimentos. O professor, nesse caso, é um mediador do saber, onde despertam nos alunos valores e sentimentos, sem deixar que esses sentimentos interfiram no cumprimento ético do professor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com a reflexão de Siqueira (2004), o professor para exercer sua real função precisa aprender a combinar autoridade (direito ou poder de se fazer obedecer, de se dar ordens, de tomar decisões, de agir, que tem influência e age; que tem por encargo fazer respeitar as leis), respeito e afetividade; isto é, ao mesmo tempo em que estabelece normas, deixando bem claro o que espera dos alunos, deve respeitar a individualidade e a liberdade que esses trazem com eles, para neles poder desenvolver o senso de responsabilidade. Além disso, ainda que o docente necessite atender um aluno em particular, a interação deve estar sempre direcionada para a atividade de todos os alunos em torno dos objetivos e do conteúdo da aula.

Ainda segundo a autora, os professores que amam sua profissão, comprometidos com a produção do conhecimento em sala de aula, que desenvolvem com seus alunos um vínculo muito estreito de amizade e respeito mútuo pelo saber, são fundamentais. Professores que não medem esforços para levar os seus alunos à ação, à reflexão crítica, à curiosidade, ao questionamento e à descoberta são essenciais. Educadores que, ao respeitar no aluno o desenvolvimento que este adquiriu através de suas experiências de vida (conhecimentos já assimilados), idade e desenvolvimento mental, são imprescindíveis. A relação estabelecida entre professores e alunos constitui o cerne do processo pedagógico. É impossível desvincular a realidade escolar da realidade de mundo vivenciada pelos discentes, uma vez que essa relação é uma “via de mão dupla”.

De acordo com os relatos adquiridos através do questionário, os alunos manifestaram uma relação afetiva amistosa com os professores, pois na maioria das respostas, observam-se argumentos que confirmam a interação entre ambos quando dizem que os professores explicam quantas vezes forem necessários para o entendimento de todos, os elogios (motivação) recebidos pelos alunos quando adquirem o aprendizado, mas não se pode deixar de mencionar que há alunos que argumentam que essa relação é normal, e que ela não interfere no aprendizado desde que o aluno esteja consciente de que precisa dele para conseguir ingressar numa universidade. Como também há relatos que no pré-vestibular a matéria é mais corrida e que, os professores precisam rever os estudos de três anos do ensino médio em apenas um ano, por isso, não tem como considerar o tratamento que os professores dão a ele em particular, e complementa que, há alunos que são atingidos por isso, mas esse em específico, prefere permanecer neutro dessa relação.

O ensino não pode e não deve ser algo estático e unidirecional, a sala de aula não é apenas um lugar para transmitir conteúdos teóricos; é também, local de aprendizado de valores e comportamentos, de aquisição de uma mentalidade científica e participativa, que poderá possibilitar ao indivíduo, bem orientado, interpretar e transformar a sociedade e a natureza em benefício do bem-estar coletivo e pessoal (SIQUEIRA, 2004). Portanto, mesmo o diálogo sendo fundamental em sala de aula, nem sempre os professores conseguem atingir seus objetivos com todos os alunos, a relação com eles tanto pode ser afetiva quanto não, como nos mostra alguns relatos da pesquisa. Ambos devem entrar em comum acordo, mas sem perder o respeito, como lembra Grisi (1971): “Toda aula, em resumo, seja qual for o objetivo a que vise, e por mais claro, preciso, restrito, que este se apresente, tem sempre uma inelutável repercussão mais ou menos ampla, no comportamento e no pensamento dos alunos”.(p. 91).

Mesmo sabendo que poderá não agradar a todos, os professores precisam manter o diálogo e possuir uma relação afetiva com todos igualmente, pois, a partir daí poderá criar um vínculo de confiança por parte daqueles que ainda não mantêm. Essa relação é de grande valor na educação

Para por em prática o diálogo, o educador, não deve colocar-se na posição de detentor do saber, deve, antes, colocar-se na posição humilde de quem não sabe tudo, reconhecendo que mesmo um analfabeto não é um homem “perdido”, fora da realidade, mas alguém que tem toda experiência de vida e por isso também é portador de conhecimentos (saber).(GADOTTI, 1999, p.2).

Libâneo (1994) também traz contribuições muito significativas nessa relação professor-aluno:

O professor não apenas transmite uma informação ou faz perguntas, mas também ouve os alunos. Devem dar-lhes atenção e cuidar para que aprendam a expressar-se, a expor opiniões e dar respostas. O trabalho docente nunca é unidirecional. As respostas e as opiniões dos alunos mostram como eles estão reagindo à atuação do professor, às dificuldades que encontram na assimilação dos conhecimentos. Servem também para diagnosticar as causas que dão origem a essas dificuldades. (p. 250).

Portanto, apesar da pesquisa com os alunos apresentar algumas contradições em relação à interação professor-aluno, conclui-se que foi significativa, pois a intenção era analisar se no pré-vestibular comunitário havia distinção dessa relação com os professores do ensino fundamental e médio, percebi com essa pesquisa que o fator principal baseia-se no diálogo tão preservado por Paulo Freire e Gadotti, como também o compromisso com a docência e com os discentes são fatores imprecidáveis.

Os professores do pré-vestibular, através do questionário, apresentaram uma dedicação e satisfação em trabalhar com os alunos, e pelo que puder perceber, não medem esforços em ajudá-los. Apesar da evasão dos alunos, eles tentam motivar os que permanecem. Percebe-se que é diferente programar uma aula para uma turma com quarenta alunos e agora para apenas sete, mas nem por isso, deixam transparecer que às vezes se sentem desmotivados por causa das desistências por parte deles (alunos).

A relação existente mostra que os professores obtêm um bom desempenho por parte dos alunos. Na sala de aula há um quadro com os alunos que conseguiram ingressar numa universidade. Contém nessa lista para onde passaram e o curso que vão concluir. Serve-se de motivação para todos não sei explicar, mas que pode surgir um sentimento de que, se aquele aluno conseguiu por que não os outros que permanecem no curso também não podem?

A auto-estima é muito valorizada nesse pré-vestibular, mesmo quando os alunos pensam que isso não é possível, os professores se colocam na obrigação de encorajá-los para que não desistam de seus sonhos. Um professor relatou que às vezes é preciso ter um tempo para a descontração quando percebe que os alunos não estão respondendo as atividades, é essa percepção que fazem a diferença, talvez ou não, em um outro lugar isso poderia não acontecer, pois o preparo para o vestibular é corrido, os alunos respondendo ou não é preciso “correr” porque as provas estão chegando, e o que se espera de um curso pré-vestibular é que seus alunos já conheçam os conteúdos e estão ali apenas para relembrar.

Concluo que exercer a profissão de um professor (educador) não é uma tarefa fácil, seja qual for à instituição que esteja atuando, o aprender a não desistir, a conscientização de que em uma sala de aula não há aprendizado homogêneo e imediato; que a orientação do professor acompanhando cada passo do aluno, com a intenção de que ele, gradativamente, liberte-se e demonstre seu potencial, é fundamental; a percepção de que a formação continuada é uma necessidade, e que uma postura crítico-reflexiva deve fazer parte do seu dia-a-dia.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Maria C.; MASETTO, M. T. **O Professor Universitário em aula**. São Paulo: MG Editores Associados, 1990.
- BORGES, Pedro F. **O Professor da Década de 90**. Artigo apresentado no simpósio de qualidade total na Universidade Mackenzie, 1995.
- BRANDÃO, André Augusto P. (Org). **Programa de Educação sobre o Negro na Sociedade Brasileira**. Ed. Da Universidade Federal Fluminense, Niterói, Rio de Janeiro, 2004.
- CARVALHO, J. C. B.; FILHO, H. A.; COSTA, R. P. (Org). **Cursos Pré –Vestibulares Comunitários: espaços de mediações pedagógicas**. Ed. PUC-Rio. Rio de Janeiro, 2008. p.287 Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/cp/v36n128/v36n128a03.pdf> >. Acesso em 05/09/2009.
- CARVALHO, José Carmelo Braz de. **Os Cursos Pré-Vestibulares Comunitários e seus Condicionantes Pedagógicos**. Departamento de Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Caderno de Pesquisa, v.36, n.128, maio/ago. 2006. Disponível em: <http://www.puc-rio.br/noticias/editorapucRio/docs/ebook_pre-vestibulares.pdf> Acesso em 03/09/2009.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996 (Coleção Leitura).
- GADOTTI, Moacir. **Convite à leitura de Paulo Freire**. São Paulo: Scipione, 1999.
- GRISI, R. **Didática mínima**. 3. ed. São Paulo: Nacional, 1971.
- MIRANDA, Elis Dieniffer Soares. A influência da Relação Professor-Aluno para o Processo de Ensino-Aprendizagem no Contexto da afetividade. **8º Encontro de Iniciação Científica, 8º Mostra de Pós Graduação**. FAFIUV / 2008.
- MIZUKAMI, Maira G.N. **Ensino: As Abordagens do Processo**. São Paulo: EPU, 1986.
- MORGADO, A. **Da Sedução na Relação Pedagógica: Professor – Aluno no Embate com Afectos Inconscientes**. São Paulo. Editora: Plexus. 1995.
- NASCIMENTO, Alexandre do. **Os Cursos Pré-Vestibulares Populares**. 1999. Disponível em <<http://www.alexandrenascimento.com>> Acesso em 05/09/2009.
- NERI, Anita Liberalesso. *A motivação do estudante? Abordagem comportamental*. In: LA PUENTE, M. (Org.). **Tendências contemporâneas em psicologia da educação**. São Paulo: Cortez, 1992.
- OLIVEIRA, Iolanda de (Org.). **Relações Raciais e Educação: novos desafios**. Ed. DP & A, Rio de Janeiro, 2003.

- OLIVEIRA, Iolanda; SILVA, Petronilha. G.; SANTOS, Renato. E. N. (Orgs). **Identidade Negra: Pesquisas sobre o Negro e a Educação no Brasil**. Ed. Ação Educativa, ANPED/ São Paulo, 2003. p.199.
- RICOEUR, P. *Reconstruir a Universidade*. **Revista Paz e Terra**, Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, nº 9, 1969.
- RODRIGUES, N. **Por uma nova escola: O transitório e o permanente na educação**. 11 ed. São Paulo: Cortez, 1997.
- SANTOS, Sandra Carvalho. O Processo de Ensino e Aprendizagem e a Relação Professor – Aluno: Aplicação dos “Setes Princípios para a Boa Prática na Educação de Ensino Superior”. **Caderno de Pesquisa em Administração**. São Paulo, v. 08, nº 1, Janeiro/ Março, 2001.
- SAVIANI, Demerval. – **Escola e Democracia**. São Paulo: Cortez Editora, 25ª edição, 1991.
- SILVA, Carla Sofia. R. **A Relação Dinâmica Transferencial entre Professor – Aluno no Ensino**. *Ciência e Cognição*, 2006. Vol. 8:165-171. Submetido em 28/06/2006/ revisado em 30/07/2006/ Aceito em 31/07/2006. Publica *on-line* 15 de agosto de 2006. Disponível em <[http:// www.cienciasecognicao.org](http://www.cienciasecognicao.org)> Acesso em 10/10/2009.
- SILVA, João Paulo S. **A Relação Professor/Aluno no Processo de Ensino e Aprendizagem**. *Revista Espaço Acadêmico*. Nº 52/ Setembro/2005. Disponível em <<http://espacoacademico.com.br>>. Acesso em 18/10/2009.
- SILVA, Rodrigo T. *A Formação de Professores e os Currículos Praticados em um Movimento de Educação Popular na Rocinha*. **Educação em Revista**, n.48, Belo Horizonte Dez. 2008. Disponível em:<[http://www.fae.ufmg.br/revista/revista_48/a%2003%20Rodrigo%20Torquato%20\(63-82\).pdf](http://www.fae.ufmg.br/revista/revista_48/a%2003%20Rodrigo%20Torquato%20(63-82).pdf)> Acesso em 24/08/2009.
- SIQUEIRA, Denise Cássia. T., **Relação Professor-Aluno: uma revisão crítica**. Disponível em www.conteudoescola.com.br/site/content/view/132/31 escola. 23/12/2004 <<http://www.conteudoescola.com.br/site/content/view/132/31> Acesso em 20/11/2009.
- THUM, C. **Pré-Vestibular Público e Gratuito: o acesso de trabalhadores à Universidade Pública**. UFSC. 2000

ANEXOS

QUESTIONÁRIO PARA OS PROFESSORES:

- 1- Profissão que exerce?
- 2- Qual a disciplina que oferece? Qual a relação entre a profissão e a disciplina que oferece?
- 3- Como ficou sabendo desse pré-vestibular e por que se interessou em dar aulas?
- 4- Há interdisciplinaridade na sua matéria, ou seja, busca informações em outras áreas que não competem a sua disciplina para buscar a compreensão da mesma? Busca exemplos do cotidiano para essa mesma compreensão?
- 5- Como você avalia sua relação com os alunos?

QUESTIONÁRIO PARA OS ALUNOS:

1- Idade? Sexo? Qual curso deseja ingressar? Trabalha?

2- Como você avalia seu aprendizado no pré-vestibular comunitário? Está conseguindo relembrar alguns conteúdos ou está conhecendo-os pela primeira vez?

3- Na sua opinião, os professores do pré-vestibular se importam se vocês estão realmente aprendendo ou para eles o importante é passar todo o conteúdo do Manual do Candidato? Por quê?

4- Você percebe diferenças entre a postura dos professores que você teve no Ensino Fundamental e Médio e a dos professores do pré-vestibular comunitário? Quais?

5- Esse fato influencia na forma como você lida com os estudos? Como?

6- Como você define a atitude de seus professores atuais, sabendo que seu trabalho é voluntário?

7- Já pensou em desistir do pré-vestibular, por não estar conseguindo acompanhar esse ritmo acelerado de informações? Se a resposta for sim, diga o por quê resolveu continuar:

a) Vontade de ingressar numa universidade e ter um curso superior concluído;

b) Por não estar conseguindo um trabalho que lhe dê estabilidade financeira e por isso optou entrar numa faculdade para abrir o campo no mercado de trabalho;

c) A motivação que recebe de seus professores;

d) Outros motivos.

8- O que mudará na sua vida com o ingresso á universidade?



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO
Centro de Ciências Humanas e Sociais - CCH
Escola de Educação - EE

MONOGRAFIA II

ALUNO(A)/matricula: Fabiola Maria Santos da Silva / Matr. 2005.2351159

TÍTULO DO TRABALHO MONOGRÁFICO: Relação Professor - aluno em um curso Pré-Vestibular comunitário.

ORIENTADOR(A): _____

FICHA DE AVALIAÇÃO FINAL

PRIMEIRO AVALIADOR

Professor convidado: CLAUDIA DE O. FERNANDES

Nota: 9.0

Considerações:

O texto demonstra cuidado e comprometimento em sua elaboração. Apresenta uma boa escolha bibliográfica sobre a temática, possui um objeto de investigação, com um instrumento de coleta de dados adequado aos objetivos propostos. Houve uma resposta às questões de pesquisa e houve uma busca de relacionar a teoria estudada e abordagem com os dados coletados.

Fabiola foi uma aluna aplicada, com comprometida com o seu curso e escreveu uma monografia para "falar" sua trajetória que tem a ver com sua história de vida e se fez na Universidade. Parabéns, Fabioly.

DATA: 10/12/2009

Assinatura: _____

C. Fernandes

SEGUNDO AVALIADOR

Professor orientador: Maria Elena Niana Souza

Nota: 9,0

Considerações:

Durante o processo de orientações, a aluna seguiu à risca as orientações recebidas, obtendo como resultado final um trabalho coerente com o que se propôs a estudar, representando acréscimo de conhecimentos tanto para a mesma quanto para a área de Pedagogia.

Propôs-se a estudar um tema relevante para sua área profissional e dedicou-se com bastante responsabilidade aos estudos e à busca por pesquisa de campo que se propôs a fazer.

Data: 14/12/2009

Assinatura: Maria Elena Niana Souza

RESULTADO FINAL		
Avaliador 1	Avaliador 2	Média final
9,0	9,0	9,0

Rio de Janeiro, 14 de dezembro de 2009.

Maria Elena Niana Souza

Prof. Orientador